

PEROLA

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *—

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Director e Proprietario

Francisco d'Oliveira Bello

Composição e Impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

Director gerente e redactor, M. Duarte Silva

Administrador, Manoel Alves Correia

EXPEDIENTE

No proximo numero A PEROLA começará a publicar artigos sobre melhoramentos d'Ovar, alterando assim um pouco o seu programma até aqui seguido. Esses artigos versarão tão somente sobre os interesses locais, alvitando o que se poderá fazer em prol do seu progresso, satisfazendo assim pedidos justos que nos têm sido dirigidos.

«O original publicado ou não, não será devolvido».

Correio da casa

Não costumamos responder a anonymos porque elles só nos merecem despreso, assim como voltamos as costas a quem não tem a hombridade e independencia de character precisas para assumir a responsabilidade dos seus actos, e corremos a pontapé quem tão manhosamente se quer intrometter em nossa casa.

Isto vae por tabella a um palerma de um *Zé Ninguém* que, arvorando-se em defensor do nosso jornal, vem com conselhos

N.º 4 FOLHETIM DA «PEROLA»

R. LAMOTE

(TRAD. DE M. D. SILVA)

O PREMIO

(CONTINUAÇÃO)

—E' a primeira vez que você me falla neste projecto.

—Porque elle não estava necessitado, comprehendes; mas agora... Não achas que tenho razão?

—Não, se Diana te quer seguir.

—Julgarás tu por acaso que ella não quer?

—Eu não creio nada, mas

faltos de nexo, escrevendo tanta *asneira* em tão poucas linhas, que dá vontade de dizer: «Perdoae-lhe, Senhor! que elle não sabe o que diz».

Desejariamos explanar o assumpto, mas isso seria ligar muita importancia ao auctor do *papel anonymo*, e a isso se oppõe a nossa consciencia revoltada.

A *Perola* na sua marcha triumphal e sympathica, despreza individualidades anonymas como aquella que vimos de nos referir.

Alexandre Herculano

E' hoje que a alma nacional, repleta de sincero entusiasmo, commemora, festivamente numa evocação patriótica, o primeiro centenario do nascimento do grande historiador, do incomparavel romancista, do distincto litterato, o solitario de Valle de Lobos,—Alexandre Herculano.

«A *Perola*» não deixará de prestar a sua homenagem, embora humilde ao grande escriptor, ao illustre filho de Portugal, Alexandre Herculano.

poderá ser que ella venha a recusar.

—Ella não recusará—digo-t'ó eu.

—Como sabe você isso?
John pronunciou esta phrase com um acento de cholera que fez reflectir Tomy, Bruscamente interrogou:

—John! tu amarás Diana?

O mancebo aturdido com aquella pergunta, não respondeu logo, mas chamando a si toda a sua coragem, respondeu:

—Sim! amo-a! e amo-a mais que você, porque eu apenas tenho vinte e dois annos...

—E nem um penny!

—Ah! faz mal velho Tomy se se ri de mim.

—Eu não me rio! Tu não

Desde o dia 28 de abril até hoje, que o povo portuguez vem cumprindo o dever sagrado de prestar homenagem, de fazer solemnemente a apothose d'esse grande vulto.

«A apothose de um grande homem, diz Raynal, é a justiça dos povos; e assim é, que as grandes nações, as mais civilisadas, fazem justiça, cumprem um dever sagrado para com os seus illustres filhos para com os seus grandes vultos, esses que maior somma de beneficios lhes deram, fazendo-lhe solemnemente a sua apothose.

Portugal não devia pois deixar de cumprir esse dever sagrado de fazer a solemne apothose de Herculano, porque elle foi sem contestação um d'esses grandes vultos de quem os seus filhos se devem lembrar com intenso orgulho, porque Herculano, a extraordinaria intellectualidade do seculo passado, o primeiro liberal, que com um arreigado amor ao bem e á felicidade do seu paiz, combateu, nos tragicos tempos de 1832, nas fileiras constitucionaes a execranda bandeira

tens um penny, e Edward quer duzentas libras. Tu não podes ter Diana e por isso deixa-me leval'a.

—Mas Diana não quer nada de você!

—Foi ella que t'ó disse?

—Sim.

—Ella mudará d'idea.

—Mas eu posso encontrar as duzentas libras.

—Tu não as encontrarás antes do fim da semana, e n'essa occasião já eu terei abalado com ella...

John não respondeu; uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto, as suas mãos tremiam.

Entre estes dois homens até allí ligados por uma affeição estreita ergueu-se um odio inex-

da ignorancia e do cruel despotismo.

Herculano, atacando com denodo o mais calamitoso obscurantismo que o cercava, por meio dos seus incomparaveis escriptos, tornou a sua acção, o seu talento genial, mais util, salutar e effica; defendeu os augustos principios da Verdade e da Justiça, no cuidadoso exame critico dos factos da nossa historia antiga e moderna.

A sua *Historia de Portugal* é um verdadeiro monumento, é uma obra gigantesca só digna do espirito superior e d'um talento privilegiado.

Como poeta, Herculano revela-se-nos na sua *Harpa do crente*, uma alma repleta de santidade e de fé.

E' attrahente a leitura dos seus romances—*Eurico, O Bobo, O Monge de Cister, Lendas e Narrativas*, escriptos numa linguagem polida, mas grave; não tendo a esthetica da nossa moderna litteratura, mas que são monumentos litterarios que ficam atravez as intemperies dos tempos, a attestar a existencia d'uma grande intellectualidade no nosso mundo litterario.

Portalegre.

Um admirador de Herculano.

plicavel. Depois d'um momento de silencio Tomy recommçou:

—Duvidava que tu amasses Diana a rapariga mais bella de estes arredores, mas como não tens dinheiro... resigna-te!

—Eu que sou velho, jamais terei outra occasião como esta para a possuir.

—Ella é minha, juro-t'ó!

—Tu és novo, tens toda a existencia adiante de ti, encontrarás outras mulheres jovens e bellas, e então, talvez tu já tenhas dinheiro.

John não respondeu.

—Vamos! concluiu o outro!

—Nem mais uma palavra sobre este assumpto! Prometteste ires a casa de Edward repetir-lhe o que eu te disse. *Continúa.*

At 1762 pagou a quantia de 200 reis de 2 libras e 10 pence, em 7 de maio de 1910, em Ovar, Portugal.

publicados neste jornal nos nos 32 e 33, que fica marcado no livro competente de Ovar.

Em Ovar, Portugal.

7 de maio de 1910

OVAR

O SOLDADO

Sobre um misero leito de campanha jaz um infeliz soldado coberto de sangue.

O rosto livido faria-o já supôr cadaver, se um doloroso estertor contorcendo-lhe o corpo em horríveis convulsões, não mostrasse com todo o horror quanto o pobre soldado, soffria ainda!

Combatera como um leão, sempre terrível, sempre valoroso, pensando na Patria querida, e n'aquella adoravel imagem que tam gravada tinha no coração. Porque o rude soldado, que ora jazia, pallido e moribundo, tinha longe, n'uma aldeia linda, a sua namorada, a eleita do seu coração, que o esperava anciosa, contando os dias por annos n'uma saudade infinda e intensa.

Esperava a triste, vel-o voltar cheio de gloria, a descansar das fadigas guerreiras, nos seus amorosos braços, narrando-lhe as phases da guerra com todo o entusiasmo da sua alma juvenil e patriótica.

Mas não, não mais o será. A sorte adversa feriu em plena juventude o misero soldado que denodadamente combatia em face do inimigo, batendo-se pela Patria com a fé no coração, e a esperanca na victoria.

A bandeira que elle defendera heroicamente, que elle soubera sempre afastar para longe do inimigo, custara-lhe a vida!

Pobre soldado, heroe obscuro que morria sem que a Patria compensasse pelo seu valor e dedicação!

Os perigos para os humildes, a gloria para os grandes!

No delirio, n'esse cortejo de phantasmas que elle via desfilar perante a sua razão obscurecida, é sempre a Patria, e esse symbolo amado—a bandeira—que elle vê, que elle procura e quer defender!

Nos poucos momentos lucidos que ainda tem, chora o pobre soldado, por não poder voltar ao campo da batalha, a combater, para sentir enfim o orgulho da suprema victoria.

Suspira ainda o desgraçado pela Patria, e duas lagrimas, perolas rutilantes cahem-lhe dos olhos tristes, onde o heroismo se reflecte.

N'um ultimo arranco delira, sahe-lhe o sangue das feridas aos borbotões... suspira e extingue-se-lhe a vida...

Longe, muito longe, a noiva espera, fitando os olhos lacrimosos na merencoria lua e pergunta-lhe:

—Quando o verei?!

Porto, 8 4-910.

Orchidea.

Contraste

Como tantos outros, nessa clara e radiosa manhã de Abril, parei a contemplar os pobres emigrantes que se amontoavam a um canto da Praça Nova á espera do carro que os levaria a Leixões.

Sentadas nos seus bahus de folha a que uma corda nova atada em cruz servia de fechadura, encostadas ás saccas de chita com cordões de cores berrantes a apertar-lhes o bôjo, cahidas sobre as caixas de pinho claro em que os nós avermelhados punham como que rebentos de feridas sangrando ainda, as mulheres, tristes e acabrunhadas, tinham os olhos baços e alheios a todo o movimento que as rodeava.

Uma funda saudade dos seus campos verdes circundados de salgueiros e vinhedos, dos seus casaes abandonados, lh'os toldava talvez...

Algumas amamentavam creanças, cobrindo a cabeça dos pequenitos e os seus seios fortes e tumidos com a ponta de um lenço. Os homens iam e vinham, falavam uns com os outros, alegres ou indifferentes, e formavam grupos animados. Um rapaz te colava um rotulo verde da «Royal Mail» em uma cadeira de lona.

Por vezes dirigiam-se a uma creatura apagada e insensivel a quelle quadro continuamente repetido a seus olhos, e que lhes falava secamente olhando os a través d'umas lunetas de aros grossos de metal. Para qualquer resposta saccava do bolso de um sobretudo coçado em que a gola de veludo tinha um rebordo grosso de cebo, um livro com capa de oleado, um maço de papeis de côr; chupava a ponta de um lapis e escrevia vagarosamente nas folhas gordurosas do caderno.

Um pouco á parte, como que desviados de todos os outros, encolhiam-se dois homens—um quasi velho, outro rapaz ainda—e uma mulher magra, de côr terrosa e com as rugas fundas que precocemente costumam sulcar a face das nossas aldeãs.

Quasi não falavam. O mais velho era um homem forte, baixo e atarracado, de hombros largos e firmes que cahiam agora um pouco, como ao peso dos braços pendidos com desanimo ao longo do corpo; o rosto da côr trigueira dos lavradores habituados ao sol e á chuva, era emoldurado junto ás orelhas por umas farripas acastanhadas onde, como no cabello, alvejavam cans—e illuminado por um olhar doce e resignado, cheio de bondade e de lagrimas mal contidas.

O rapaz, por certo seu filho porque tinha olhos azues e meigos e os mesmos cabellos de um castanho fulvo, era franzino e delicado como se o rude labutar

das eiras e dos campos lhe não tivesse engrossado e calejado as mãos. Se lh'as não visse, diria que tinha deixado ha pouco algum seminario da provincia e trocado a vida pacata de futuro prior, pela aventura d'uma incerta fortuna em terras estranhas e longinquoas. Parecendo olhar com attenção minuciosa para os bicos levantados dos seus sapatos novos, de couro cru esbranquiçado, estava assim ha muito tempo, enrolando e desenrolando abstractamente no pollegar os elos da corrente de prata que lhe pendia do colete domingueiro, de uma fazenda preta cortada em diagonal por listas brilhantes, pretas tambem.

De vez em quando parava um pouco; erguia o olhar incerto para o casario levantado em frente, arfava-lhe um suspiro caro, retomava a sua attitude, e, com furia volteava a corrente entre os seus dedos grossos.

Acerquei-me e aproveitei a occasião do velho lhe perguntar as horas—pergunta que elle não ouviu—para entabolar conversa com essa gente infeliz.

—Dez menos vinte, informei.

—Só... fez o pobre homem, como se estivesse já cançado da longa espera, ali na rua, em frente dos olhares curiosos, a ouvir as graças boças dos que passavam.

—Iam para o Brazil?

Que sim, que partiam na esperanca de ganhar o sustento que lhes faltava na terra da sua patria, nessa terra que elle amanhara desde creança e que ficava em poder do outro, de quem lhe dera uns centos para pagar o que devia e evitar a vergonha de um arresto...

Falei-lhe do Brazil onde tinha vivido uns annos, dei-lhe conselhos, ensinei a sua inexperiencia de aldeão que poucas vezes abandonara a sua freguezia do Minho, entre casaes alvejando ao sol e prados florescendo á luz.

Então o bom do homem, vendo o meu interesse pela sua desventura, desabafou as maguas que lhe enchiam o peito rude e forte.

Possuira uns campitos que lhe davam quanto bastasse para não faltar o caldo na panela e a borôa no forno, e, no tempo em que rendia bem o vinho, quando elle era bom e não havia a fatura que o pôz pela hora da morte, a sua mulher ia ao domingo á missa com grandes arrecadas de ouro e um cordão que lhe dava umas poucas de voltas ao pescoço. Isso não durou tempo que o deixasse amearhar para o futuro: como os outros, abandonou as searas e o cultivo do pão para tratar do grangeio da vinha e, annos volvidos, o preço porque o vendia mal pagava as despezas. Começaram então a vender o oiro, a pedir

emprestado, a pagar juros e escripturas, até chegarem a hypothecar o que tinham e reservaram, em ultimo caso, para livrar o filho—e apontou-me o rapaz, alheio á nossa conversa—se lhe calhasse a sorte...

Houve um movimento entre toda aquella gente: chegavam os carros em que deviam seguir. Os homens ajudavam a colocar as caixas e bahus numa zorra enquanto as mulheres ajoujadas de saccas e embrulhos, subiam atralhadas para os carros electricos.

Trocaram-se recommendações, havia berros e pragas, gargalhadas ás vezes, um barulho confuso de vozes diversas...

* * *

Eu resolvera ir até Leixões, por essa calma e radiosa manhã de Abril, ouvindo a pobre gente com quem conversava um pouco. Entrei no mesmo carro. E foi já cá em baixo, em Massarellos, ao ver os navios de longos mastros e grandes vergas encruzadas, que o velho reatou comigo a sua historia.

—Foi depois de tudo isto, proseguia elle, que me queriam acabar de desgraçar com as *decimas* atrasadas e um rôr de juros que não podia pagar. A minha casita ia ser tomada pela gente da justiça quando me lembrei que a podia vender, pagar tudo e ficar com um pouquinho. Foi o que fiz e entendi-me com um brasileiro que tinha uma quinta ao pé de um campo meu. Comprou-me tudo por uma miseria e foi elle que me aconselhou a vir com o resto para o Brazil arranjar vida. Mas o rapaz ainda não estava livre e o dinheirão já não me chegava nem p'ra pagar meia praça... Assim fomos passando até que lhe veio a sorte e então tratamos dos papeis. Elle parece que antes queria ficar soldado porque tinha lá uns amoricos na terra e vae como despegado... mas sahiu livre por ser a modos que fraquito p'ra a tropa e agora cá vamos todos a ver se ainda se junta p'ra vir morrer á terra...

—Deus te ouça, murmurou, incredula, a mulher, limpando as lagrimas a um grande lenço de chita.

O rapaz levantou-se para ver da plataforma, o mar que o sol palhetava de ouro, ferindo a vista.

Ao longe velejavam barcos de pescadores, e avolumava-se o casco de um paquete; para a direita, ao fim da orla clara de areia, o casario amontoava-se e estendia os braços rigidos do porto de Leixões, como para cingir os vapores que se balouçavam indolentes, despedindo nuvens de fumo.

Olhou o mar com a curiosidade de quem o vê pela primeira vez, abysmou-se a contem-

plar a vastidão das suas aguas—barreira enorme que o ia separar dos logares onde brincara em creança e onde sonhara, adolescente já!...—e duas lagrimas deslisaram pela sua face palida de collegial amimado.

—Então! vamos, coragem! disse-lhe eu para o animar. O Brazil não é no Fim-do-Mundo!.. Veja como seu pae tem esperança...

Olhou-me vagarosamente, tristemente, e baixo, como se as palavras lhe sahisses a custo entre os soluços que as abafavam, disse-me:

—Meu pae leva com elle todos os que estima e eu deixo aquella que adoro! E cheio de lagrimas, comprimindo o peito como se receasse que o coração lhe saltasse fora, exclamou desalentado:

—Meu pae tem esperança de voltar connosco... eu tenho a certeza de morrer longe d'Elle!...

* * *

Duas horas depois sumia-se no horisonte o bojo d'um vapor, onde amontoadas na promiscuidade infecta d'aquella miseria humana, vão essas duas creaturas tão ligadas pelo sangue, tão distantes pelo coração.

O pae, um velho cheio de esperança—o filho, uma creança cheia de desalento...

Correia de Freitas.

IDOLOS DE BARRO

Infeliz amigo meu!... Quando li a sua carta, uma profunda tristeza invadiu a minha alma, e os meus labios sorriram com amargura!

Em poucas linhas e de um modo muito laconico communique-me que se havia retirado da vida theatral, cedendo assim ao peso aterrador da indiferença do publico e da ingratição do empresario que lhe queria diminuir o salario.

«Estou velho, me dizia na sua carta, os annos passam-se baldadamente, e eu já completei os sessenta e dois. O meu corpo inclina-se em dolorosa curva para a terra como se nella buscasse o seu ultimo e eterno descanso; as rugas sulcam-me as faces, os cabellos que hontem eram pretos, hoje estão da cor da neve; as minhas faculdades estão quasi esgotadas, e assim seria uma loucura revelar-me contra o destino.»

N'estas palavras e n'aquellas linhas traçadas por uma mão tremula e debil encerrava-se um desenlace amargurissimo, que julguei, nunca chegasse.

Como poderia eu acreditar que o publico, tão depressa esquecesse um artista aquem alentou com os seus applausos collo-

cando-o no pedestal da gloria?

E no entanto, por muito triste e doloroso que pareça assim aconteceu.

Pobre velho, e infeliz comico!

Pobre artista que gastou dinheiro ás mãos cheias, e que só soube conservar, como recordação dos seus triumphos, algumas corças de louro, cujas folhas immarcesciveis, parecem agora, uma cruel ironia!

Li muitas vezes a carta do meu amigo, e julguei ver n'ella um protesto esteril e mudo.

Acudiram-me então á mente, reminiscencias adormecidas no fundo da minha alma, e invoquei as recordações de dias mais felizes nas quaes a juventude me alentava no meu carinho.

O author d'aquella carta, que tremia entre as minhas mãos, foi um tenor que alcançou ruidosos e merecidos triumphos, e que se viu agasalhado com os elogios da imprensa.

A sua genealogia não podia ser mais modesta. Filho de um honrado sapateiro aprendeu o officio de seu pae, mas, aconselhado por varios amigos, consagrou as suas energias exclusivamente ao cultivo de uma arte lhe offercia um venturoso e rissonho porvir.

A sorte favoreceu-o, e dentro em pouco tempo o seu nome era repetido com admiração por toda a gente e a sua profissão, dava-lhe o preciso para viver desfogadamente. A unica ideia que o preocupava, era a ancia de colher triumphos, e ao regressar do theatro, commovido ainda pelas emoções soffridas, fechava-se no seu quarto, e alli, com os cotovellos apoiados sobre uma simples meza, e com os olhos fixos nas notas dos pentagramas, estudava com fé e afinco, corrigindo pouco a pouco os seus defeitos. Como justo premio ao seu aturado labor chegou a ser o idolo do publico que o via e ouvia.

E assim como a arte lhe recompensou os seus trabalhos, o amor negou-lhe os seus apreciados favores.

N'um dos theatros do Porto, onde trabalhou, conheceu uma joven morena, de olhos negros e rasgados, que como artista, desempenhava o papel de triple comica.

O que ao principio foi uma mutua sympathia, converteu-se mais tarde n'uma firme e avassaladora paixão por parte do meu amigo.

Ella, se bem que ao principio o repudiasse, terminou por o querer, talvez aconselhada por sua mãe.

Que felizes foram nos primeiros dias!...

Via-se, que trabalhavam com mais enthusiasmo, e ao terminar o espectáculo, era com bei-

jos e caricias que celebravam o triumpho!

Mas... aquelles amores tiveram, para o meu infeliz amigo, um fim amargo e triste.

Ella, inconstante e frivola, terminou por o desprezar e... bater as azas na companhia de um habitué.

Este passo da ingrata esposa, produziu-lhe tão grande abalo, que cahiu doente, e por muito tempo, esteve entre a vida e a morte. Quando se levantou do leito já não era o mesmo.

Tinha os olhos encovados, o andar vacilante, o corpo debil e o rosto macilento.

Os medicos prohibiram-no de trabalhar durante uma temporada, devendo elle aproveitar esse tempo para ir para os ares de campo.

Quando novamente appareceu perante o publico, podemos apreciar com profunda magua, que a doença o tinha privado de todas as suas poderosas faculdades.

Como consequencia d'isso, o publico retirou-lhe os seus favores, e o meu amigo começou então a soffrer os primeiros fracassos que logo se converteram em uma indiferença absoluta.

De tudo isto me recordava eu claramente, pensando com infinita tristeza no desgraçado fim do meu amigo.

Foi a mulher, que o abandonou, a causa d'elle...? não sei, mas poderia garantilo.

Pensei em lhe escrever,—e peguei na penna para o fazer, mas, meditando um momento pensei: Que lhe vou eu dizer? Se lhe prodigalizo consolos, vou fazel'o soffrer mais que o olvidio do publico, pois que elle comprehenderá que são o producto da piedade para o vencido.

Que fazer pois?... Com a mão tremula, escrevi-lhe o seguinte:

«O publico é um menino caprichoso. Enthusiasmado, faz com barro um idolo a quem adora, e ainda não o tem contemplado, desbarata-o, para formar outro que mais tardé terá a mesma sorte. Mas não ha remedio senão conformar-se. Todos aquelles que vivem do publico, não devem esquecer nunca este sabio conselho que me repetia um velhinho desenganado das pompas e vaidades humanas: Se não queres que se esqueçam das tuas obras, procura conseguir triumphos frequentes. As palmas que o publico outorga assemelham-se aquellas que se benzem no domingo de Ramos. A sua virtude é muito limitada e é preciso removel-as de tempos a tempos para se pôrem ao abrigo dos tormentos.»

Snitram.

A TI

Já maldigo a hora em que eu te conheci
E maldigo até a propria natureza;
Já não tenho alegria: é só tristeza;
Maldigo esse momento em que nasci.

Té já mal disse, Deus, que nunca vi
Por me impellir p'ra ti com tal rudeza,
Que me fez dedicar-te amor, firmeza,
E soffrer continuamente por ti.

Só bem digo essas noites que ao relento,
Disfructando o seu negro panorama
Escuto, triste, os queixumes do vento...

E entre soluços, exclamo: quem ama,
E' tolo não desviar o pensamento
E desprezar o olhar de toda a Dama.

Porto, 10 de abril 1910.

Augusto Belchior.

Fitas cinematographicas

Odio entre familias.—Amor entre filhos.—Nomeação do chefe de armas.—Ambição não satisfeita.—Grave offensa.—Vamos, filho, vingá teu pae, injustamente offendido.—D. Rodrigo vingá a offensa matando o pae de Jimena sua noiva.—D. Rodrigo foge á ira do Rei indo combater contra os mouros, onde conquista o glorioso nome de CID. A guerra contra os mouros.—O desembarque.—O cêrco.—A derrota.—CID entra triumphalmente em Sevilha.—A recompensa do Rei.—«O amor... vence o odio» e faz esquecer a vingança.

No Rio Guadelete, avistaram-se em 711 o exercito arabe commandado por Tarif e o exercito gôdo que era commandado por D. Rodrigo. Este perde a batalha, dando causa a isso, entre outras coisas a vil traicção de D. Oppas e do Condé D. Julião, apesar das subidas provas que D. Rodrigo deu, como bom capitão e valeroso soldado.

Apesar da séria e heroica resistencia que os gôdos opozeram á marcha dos arabes, eram tão maus os anteriores governos de diversas cidades que estes, mui prompto lograram subjugar as povoações que iam encontrando na sua marcha triumphal que conseguiram estender o seu poder até ás asperrimas montanhas de Asturias, onde se haviam refugiado os restos do exercito gôdo com alguns dos seus chefes, entre os quaes o Arcebispo Urbano e D. Pelayo, infante de Espanha, primo do Rei D. Rodrigo.

D. Rodrigo pensou immediatamente reconquistar o terreno perdido na querida patria e, tendo sido nomeado campeão de um trôço de valentes derrotou os arabes na batalha de Covadonga, iniciando d'essa fórma o glorioso periodo de reconquista que teve o seu termo em 1492, quando os reis catholicos se apoderaram de Granada, isto é, oito seculos depois da sangrenta e terrivel lucta.

A PEROLA

Um dos episodios mais brilhantes de tão glorioso periodo para as armas espanholas, é precisamente o que se refere ás facanhas de D. Rodrigo Diaz de Vivar, vulgarmente chamado o «Cid Campeador».

Por esse tempo presta juramento na Egreja de Santa Gadea (Santa Agueda) em Burgos, D. Affonso VI, como rei eleito de Castella, Leão e Galliza que, alliando á sua valentia o seu caracter cavalheiresco e virtuoso, declara guerra de exterminio aos mouros; disputando a seu favor, a influencia real, duas das mais poderosas e illustres familias de Castella, os Condes de Vivar e os Condes de Gusmán.

Inclinou-se a protecção real para o lado dos primeiros e o Conde de Vivar foi nomeado mestre d'Armas de D. Affonso o que provocou tanta inveja da parte de Gusmán, contra Vivar, que este foi atrozmente insultado por aquelle.

Tal procedimento encheu de colera e de ira o velho Conde de Vivar que immediatamente ordenou a seu filho D. Rodrigo que vingasse a terrivel affronta que lhe havia sido feita, e este, apesar do muito amor que sentia por Jimena, filha do Conde de Gusmán, teve que cumprir as terminantes ordens de seu pae e desafiando o pae da sua amada para lucta em campo raso, matou-o, depois d'um renhido combate.

Em virtude de tão desastroso acontecimento D. Rodrigo foi obrigado a abandonar o Castello de seus paes e marchar para a guerra a combater contra os mouros, pois julgando para sempre desfeito o seu querido sonho de amor, pensava, ao menos, realisar outro, tanto ou mais nobre do que o primeiro, isto é, conseguir a liberdade da patria amada.

Apesar de D. Affonso VI, nas suas emprezas contra os mouros conquistar loiros, pois era felicissimo em todos os combates, essa felicidade e esses loiros conquistados, eram ofuscados pelas proezas do valente Conde de Vivar que os mesmos arabes, cheios de terrôr e admiração, lhe chamavam o «Cid» (o Senhor) pois elle conseguiu vencer cinco reis mouros fazendo-os vassallos de Castella e conquistando um grande numero de cidades e fortalezas. Era tal a admiração pelos seus feitos que os inimigos tremiam de terror ao ouvir pronunciar o seu nome, enquanto que os seus o adoravam pela sua valentia e pelas suas virtudes.

Tanto amôr á patria querida, devia ser bem recompensado, apesar de que, quando D. Rodrigo entrava em Sevilha coberto de gloria, á frente das suas hostes, apresentando ao Rei os chefes mouros feitos prisioneiros

e os tropheus das suas victorias, Jimena apparecendo de repente se lançou aos pés de Affonso VI pedindo-lhe vingança contra o matador de seu pae, mas... por fim o amor venceu o odio e, o mesmo Rei contribuiu para o consorcio de Jimena e D. Rodrigo de Vivar.

«Cid Campeador» para os hespanhoes é o emblema do cavalheirismo e o prototipo do valor e nobreza da raça latina.

SECÇÃO CHARADISTICA

Director, *M. Duarte Silva*

RUA DE SANTO ILDEFONSO, 260-2.º

Correio sem sel'ó

Arthvedo—A sua reclamação não só não será attendida como ainda continuarei a não lhe contar todas aquellas soluções que, não sendo eguaes ás que mandam os auctores, não indique o livro onde as encontrou. E' esta uma das condições do concurso.

O que é para uns é para todos. As nove soluções que cortei estão muito e muito bem cortadas. Nem Deus nem Santa Maria lhes valem.

João da Cidade—Recebi as suas produções. O que não recebi foram os n.ºs 8 e 9 do vosso Cometa, razão porque ignorava o que mandou dizer no já citado postal.

J. M. d'Almeida—Porque desistiu? Creia que senti bastante, e espero que a sua desistencia não vá tão longe que deixe de me mandar produções, visto as que mandou já estarem exgotadas.

DECIFRAÇÕES DO N.º 32

1, Orchidea; 2, Hippomano; 3, Heliometro; 4, Baldaquino; 5, Cacholong; 6, Leontina; 7, Levita; 8, Saturno; 9, Janota; 10, Ambião; 11, Cargo-carga; 12, Roto-rot; 13, Eupatoria, eupatorio; 14, Bôlo; 15, Pada; 16, Abai; 17, Catimbau; 18, Belleguim; 19, Cresta; 20, Aco-ocá; 21, Oleb-belo; 22, Bugalho-bulha; 23, Rabaca-raça; 24, Cete-Sete; 25, Quino-kino; 25, Revoltado.

Quadro de honra

BECCO & VIELLA

DECIFRADORES

Becco & Viella, os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 15, 20, 21, 22, 24 e 26 (total, 16).

Arthvedo, os n.ºs 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 22 e 23 (total, 15).

K. Lunga, os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 9, 11, 15, 17, 18, 20, 21 e 22 (total, 15).

EM PHRASE

1 No hospital a minha parenta foi victima—1—2.

K. Lunga.

(A nosso director Republica)

2 De uma cidade da Arabia chegou ha pouco a Portalegre uma mulher, mas que formosa mulher!—2—2.

João da Cidade.

3 Animosa está a ribanceira onde nasceu esta arvore—3—2.

4 A febre maligna é um grande furor que nos faz privar o juizo—2—3.

Barbas de Bagaço.

5 O terceiro filho de Jacob e de Lia suspende o sacerdote hebreu—2—1.

6 O estofo que este animal usa foi feito d'uma especie de betume vindo da Asia—2—2.

Becco & Viella.

7 Se neste momento subires á montanha africana, verás incontinenti imperio asiatico—1-1.

8 De preferencia escolho o branco por ser o mais formoso—1—2.

M. Christovão.

9 É egual, a qualidade da quantidade? Não por certo, e por isso é preciso um juizo moderado—2—2.

Mirone.

SYNCOPADA

10 A permanencia na minha casa de campo foi curta—3—2.

Joteba.

(Ao grande decifrador Arthvedo)

11 Do estado sereno e pacifico do espirito resulta muitas vezes a perversidade—5—4.

João da Cidade.

EPENTHESADA

12 Em popular dança ingleza, já vi alguém servir de joguete—2—4.

Raphael d'Altamira.

INVERTIDAS POR LETRAS

13 Colhereiro—5.

Pinheiro.

LOGOGRIPO TELEGRAMMA

14 Está tôla esta pes-soa por ter uma cousa de nada. $\left\{ \begin{array}{l} 5\ 2\ 7\ 4 \\ 5\ 8\ 3\ 6 \\ 5\ 2\ 1\ 4 \end{array} \right.$

K. Lunga.

MEPHISTOPHELICA

15 Vou passar um diploma a uma geração em troca d'este fructo.

A. H. Ramos.

ENYGMATA

16 Sou planta mui conhecida, Sim senhor, olé se sou! Corte-me embora o começo Mas diga-me o que ficou.

Agora torne a juntar-me
P'ra meu fim me cortar já,
E não largue o estrangeiro
Que decerto encontrará.

Sem começo, sou (bem vê)
Um pequenino animal;
Sem o fim, sou estrangeiro,
O meu todo é VEGETAL.

Antonio da Costa Semog.

TRANSCRIPTA (a)

17 É preciso ter astucia para subir ao coqueiro—3.

Joteba.

(a) Estas charadas decifram-se, eliminando-se a letra inicial, e depois inverter o resto da palavra. Por exemplo: A guita está junta á egreja. A decifração é—corda-adro.

A PEROLA

Jornal litterario—Quinzenal

Anno 2.º • Quinta-feira, 28 de Abril de 1910 • N.º (29)-33

Sr. _____